

## A TEORIA GRAMATICAL NA COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS

*Luci Mary Melo Leon (UERJ)*

Resumo: Conceituação gramatical e uso literário; observações em textos. Na colocação dos pronomes oblíquos átonos, adotem-se as denominações de próclise, mesóclise e ênclise.<sup>1</sup>

Palavras-chave: gramáticos; literatura; estilo; textos; colocação.

Pronome átono (ou clítico) é uma palavra monossilábica que se apóia na estrutura fônica de um vocábulo verbal, núcleo do sintagma do qual esse pronome faz parte como se fora uma sílaba átona pretônica ou postônica. A NGB refere-se a pronomes *oblíquos* átonos, mas é preciso lembrar que essas “regras de colocação” se aplicam igualmente aos pronomes demonstrativos átonos, seus homônimos. Na língua portuguesa, a relação sintática que o pronome átono mantém com o verbo mostra que o papel preponderante é o de ser seu complemento. Por este motivo, sua colocação primeira, na ordenação das palavras de uma frase, é enclítica, ou seja, assim como acontece com todos os demais complementos verbais, deve estar inserido depois do verbo. Contudo, vezes há em que o pronome se antepõe a ele ou se acomoda em sua própria estrutura.

A partir desses princípios, uma lista de casos de “anteposições” e de “acomodações” do pronome ao verbo seria uma tarefa até certo ponto simples, e muitos já o fizeram. Vejamos, por exemplo, as indicações práticas sobre a colocação dos pronomes, extraídas de um livro didático publicado na década de 70, *Língua(gem): literatura, comunicação*, de José Maria de Souza Dantas e Almir Moreira:

A próclise é indicada, se houver, na oração, palavra deslocadora do pronome (a lista inclui: palavras de sentido negativo, conjunções subordinativas, pronomes relativos, pronomes e advérbios interrogativos, pronomes indefinidos, advérbios - sem pausa, preposição **em** antes de gerúndio, pronomes pessoais do caso reto);

---

<sup>1</sup> Nota ao item “Colocação”, extraído do texto da Nomenclatura Gramatical Brasileira (Portaria 36, publicada no Diário Oficial de 11 de maio de 1959).

Usa-se a próclise nas orações exclamativas e optativas;

A mesóclise é indicada nos futuros do presente e do pretérito, desde que não haja uma palavra deslocadora do pronome, ou um sujeito expresso.

A ênclise é indicada com verbos no imperativo afirmativo, com gerúndios (a não ser precedidos da preposição **em**) e com infinitivos;

A ênclise é facultativa com infinitivos precedidos de preposição. Entretanto, com os pronomes **o, a, os, as**; e a preposição **a**, usamo-la quase que exclusivamente. (1979: 306)<sup>2</sup>

Outro exemplo de abordagem didática do assunto retiramos da *Gramática Objetiva da Língua Portuguesa*, de Adriano da Gama Kury, José Renato Bueno e Ubaldo Luiz de Oliveira:

1. A posição considerada normal dos pronomes átonos é depois do verbo. ÊNCLISE. Isso acontece:

a) quando o verbo abrir o período:

b) quando o sujeito - substantivo ou pronome (que não seja de significação negativa) - vier imediatamente antes do verbo, assim nas orações afirmativas como nas interrogativas:

Motivos particulares de eufonia ou de ênfase podem concorrer para a deslocação do pronome.

c) nas orações coordenadas sindéticas:

d) na enunciação dos verbos reflexivos (infinitivo):

2. A PRÓCLISE é obrigatória:

a) nas orações *negativas*, desde que não haja pausa entre o verbo e as palavras de negação (*não, nem, nunca, ninguém, nenhum, nada, jamais, etc.*):

b) nas orações *exclamativas*, começadas por palavras exclamativas, bem como nas *orações optativas*:

c) nas orações *interrogativas*, começadas por palavras interrogativas:

d) nas orações *subordinadas*:

e) com advérbios e pronomes indefinidos, *sem que haja pausa*:

---

<sup>2</sup> Os exemplos foram suprimidos.

Se houver pausa depois do advérbio, prevalecerá a ênclise:

3. Com verbo no futuro do presente e no futuro do pretérito: ME-SÓCLISE (desde que não haja palavra exigindo próclise).

4. Com verbos no gerúndio a regra geral é, ainda, a ÊNCLISE.

Porém haverá PRÓCLISE, se o gerúndio vier precedido de:

a) preposição “EM”

b) advérbio (que o modifique diretamente, sem pausa): (1978: 155-158).<sup>3</sup>

Aliás, o tema “colocação dos pronomes” não é privativo das “páginas gramaticais”, pois percorre a própria questão da produção literária em nosso país, tendo sido durante bastante tempo uma espécie de *leitmotiv* das reflexões acerca de nossa identidade nacional. A título de ilustração, três exemplos servem para demonstrar como isso aconteceu.

No primeiro, citemos José de Alencar, que não seguia a norma vigente, pautada pela imitação dos padrões lusitanos. Do Pós-escrito de *Iracema*, retiremos duas passagens, observando a posição de Alencar a propósito da distribuição dos pronomes na frase e, depois, um uso em que contraria a regra que proíbe a próclise em início de frase.

Tal regra (*o escritor faz menção à regra de pospor o pronome ao verbo*) não passa de arbítrio que sem fundamento algum se arrogam certos gramáticos. Pelo mecanismo primitivo da língua, como pela melhor lição dos bons escritores, a regra a respeito da colocação do pronome e de todas as partes da oração é a clareza e elegância, a eufonia e fidelidade do pensamento.

.....  
Me parece, com o respeito devido a tão grande autoridade, que houve engano nessa asserção. (ALENCAR, 1958:316-7)

As opiniões do escritor cearense em matéria de gramática valerem-lhe, entre seus contemporâneos, ora a reputação de inovador,

---

<sup>3</sup> Os exemplos foram suprimidos.

ora a pecha de incorreto e descuidado. Entretanto, não estamos sozinhos afirmando que seus conhecimentos basearam-se nas mesmas regras tradicionais, que ele soube utilizar muito bem a partir do que apreendeu nas fontes dos grandes escritores portugueses. Segundo Gladstone Chaves de Melo, nosso romancista sempre esteve próximo do que poderíamos chamar de “brasilidade pronominal”. Em *Senhora e O Sertanejo*, foi absoluto, sendo “conscientemente, intencionalmente, escritor brasileiro”.

“Não, senhora, não enganou-se.”

“nem já lembrava-se do sacrifício.”<sup>4</sup>

No segundo, mencionemos Casimiro de Abreu, acusado de redigir em “mau português” e defendido por Sousa da Silveira, em obra onde o grande filólogo discorre sobre vários temas gramaticais que teriam sido “desrespeitados” pelo poeta. O trecho abaixo transcrito, embora não seja propriamente sobre colocação de pronome, interessa-nos por tratar de uma interessante variação do tema, qual seja, o uso do pronome oblíquo como sujeito do infinitivo.

Adotando “deixa eu dormir”, (Casimiro) sancionou na língua escrita uma sintaxe da nossa língua falada que a análise lógica pode justificar (deixa dormir eu = deixa que eu durma), e conseguiu maior rigor de expressão, pois a forma eu, de “deixa eu dormir”, salienta mais o conceito que o “me”, átono e ainda por cima enclítico, da locução “deixa-me dormir”. (Sousa da Silveira).<sup>5</sup>

Por fim, podemos também focalizar a preocupação de nossos escritores com esse tema, tomado quase como um epíteto de brasilidade nas confrontações com os modelos impostos pelos portugueses. Escolhemos quatro passagens de autores deste século, a confirmar que o assunto é recorrente em nossa literatura.

Citemos primeiro Monteiro Lobato (1882-1948), que sempre criticou o Brasil atrasado e ignorante, cheio de vícios e vermes. Seu ideal foi um Brasil moderno, estimulado pelo progresso. Provavelmente seu objetivo, ao escrever *O Colocador de Pronomes*, fosse

---

<sup>4</sup> Extraídos de *Senhora* (p. 166) e *O Sertanejo* (p. 212), respectivamente. *Apud* JUCÁ (filho), 1966: 167.

<sup>5</sup> *Apud* S. Ella: *A Contribuição Lingüística ao Romantismo*, p. 58.

reforçar essa sua postura de nacionalismo antilusitano.

### O COLOCADOR DE PRONOMES - fragmento<sup>6</sup>

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática.

Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática.

E morreu, afinal, vítima dum novo erro de gramática.

Mas não quis o destino que o já trêmulo Aldrovando colhesse os frutos de sua obra. Filho dum pronome impróprio, a má colocação doutro pronome cortar-lhe-ia o fio da vida.

Muito corretamente havia ele escrito na dedicatória: daquele que me sabe... e nem poderia escrever doutro modo um tão conspícuo colocador de pronomes. Maus fados intervieram, porém — até os fados conspiram contra a língua! — e por artimanha do diabo que os rege empastelou-se na oficina esta frase. Vai o tipógrafo e recompõe-na a seu modo... daquele que sabe-me as dores... E assim saiu nos milheiros de cópias da avultada edição.

(...)

— Deus do céu! Será possível?

Era possível. Era fato. Naquele, como em todos os exemplares da edição, lá estava, no hediondo relevo da dedicatória o Fr. Luís de Sousa, o horripilantíssimo — “que sabe-me”.

Aldrovando não murmurou palavra. De olhos muito abertos, no rosto uma estranha marca de dor — dor gramatical inda não descrita nos livros de patologia — permaneceu imóvel uns momentos.

Depois empalideceu. Levou as mãos aos abdômen e estorceu-se nas garras de repentina e violentíssima ânsia.

Ergueu os olhos para Frei de Sousa e murmurou:

— Luís! Luís! Lamma Sabachtani?!

E morreu.

De que não sabemos — nem importa ao caso. O que importa é proclamarmos aos quatro ventos que com Aldrovando morreu o primeiro santo gramática, o mártir número um da Colocação dos Pronomes.

Paz à sua alma.

---

<sup>6</sup> M. Lobato: *Negrinha* (apud J.C. Moreira: p. 107-9). A primeira edição data de 1920.

Relembremos depois o poema “Pronominais”, de Oswald de Andrade (1890-1954), caso típico em que o escritor, intencionalmente, provoca um questionamento acerca do autoritarismo gramatical vigente no Brasil.

#### PRONOMINAIS <sup>7</sup>

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

e do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

O terceiro exemplo é extraído do romance *Infância*, num trecho em que Graciliano Ramos ironiza a mesóclise, colocação pouco do agrado para o ouvido brasileiro (RAMOS, (1995: 99).

#### INFÂNCIA- fragmento

Afinal meu pai desesperou de instruir-me, revelou tristeza por haver gerado um maluco e deixou-me. Respirei, meti-me na soletração, guiado por Mocinha. E as duas letras amansaram. Gaguejei sílabas um mês. No fim da carta elas se reuniam, formavam sentenças graves, arrevessadas, que me atordoavam. Certamente meu pai usara um horrível embuste naquela maldita manhã, inculcando-me a excelência do papel impresso. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: “A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resuma da ciência anunciada por meu pai.

– Mocinha, quem é o Terteão?

---

<sup>7</sup> ANDRADE (1971:89). Originalmente incluído no livro de poesias *Pau-Brasil*, publicado no ano de 1925.

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Tertão fosse homem. Talvez fosse. “Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

— Mocinha, que quer dizer isso?

Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções.

O último exemplo é extraído da obra de Luís Fernando Veríssimo, marcada por crônicas humorísticas de questionamento crítico. Em “Papos” o alvo é o emprego formal dos pronomes, confrontando a língua escrita e a língua falada.

#### PAPOS<sup>8</sup>

— Me disseram...

— Disseram-me.

— Hein?

— O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.

— Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?

— O quê?

— Digo-te que você...

— O “te” e o você não combinam.

— Lhe digo?

— Também não. O que você ia me dizer?

— Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Como é que se diz?

— Partir-te a cara.

— Pois é. Parti-la-ei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.

— É para o seu bem.

— Dispensó as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...

— O mato.

---

<sup>8</sup> *Apud* L. R. Leitão *et alii*: *Caderno de Atividades*, p. 110-1. A crônica foi publicada no *Jornal do Brasil*, em 1994.

- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Eu só estava querendo...
- Pois esqueça-o e pára-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado.
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dá. Mas não posso mais dize-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

Com essas exemplificações, queremos confirmar, sem receio, a idéia de variedade na colocação pronominal é bastante ampla e que, apesar de os compêndios gramaticais, de uma maneira geral, tratarem esse tema de forma superficial, há nele material relevante para se discutir, sobretudo em seus vínculos com os capítulos de dialetologia e de estilística fônica e sintática.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguiar, 1958.

ANDRADE, Oswald de. *Poesias Reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

DANTAS, José Maria de Sousa & MOREIRA, Almir. *Lingua (gem), Literatura, Comunicação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

JUCÁ ( filho ), Cândido. *A Gramática de José de Alencar*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1966.

KURY, Adriano da Gama **et alii**. *Gramática Objetiva da Língua Portuguesa*. vol. 2 Rio de Janeiro: Edit. Rio & Faculdades Integradas Estácio de Sá, 1978.

LEON, Luci Mary Melo. Dissertação de Mestrado: Colocação dos Pronomes : A Teoria Gramatical e o Uso dos Gramáticos. UERJ, 1977.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1995. (A primeira edição data de 1945.)

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de Português*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.